

JORNAL DO
CONSERVATORIO.

N.º 17) Publica-se todos os Domingos. (Março. 29, 1840.

THEATRO FRANCEZ.

Muito que em Paris se tem falado de um drama intitulado a *Eschola do Mundo*, o qual, segundo dizem é producção de uma alta personagem assas conhecida, nos levou a dar idea delle a nossos leitores transcrevendo o seguinte artigo extrahido de um dos mais acreditados jornaes de França, e cuja doutrina é abonada pela assignatura do seu auctor.

A ESCHOLA DO MUNDO,

COMEDIA EM PROSA NÃO RIMADA.

Eschola do mundo! — E' um titulo bem extranho e atrevido. Qual é a comedia que se não presume de ser eschola do mundo! é este um appellido anonymo de qualquer acto de comedia. Mas de que especie de mundo é que ali se tracta? é do mundo politico, do mundo elegante, ou do mundo artistico? Os *Nostradamus*, encarregados de andarem predizendo pelos salões o exito da peça, respondiam a estas questões, encolhendo os hombros, e dizendo que não conheciam duas especies de mundo. O mundo era a boa companhia, a alta sociedade, cujos costumes até hoje permaneceram occultos a todos! O proprio Scribe nada poude pescar desse mui alto mundo, nem per um cantinho da sua boa luneta; as suas lindas viúvas millionarias suspeitavã-as de haverem já vendido fazendas no

mostrador em tempos do *defuncto*; os seus amozos eram demasiadamente *pansudos* não se lembrando que uma magreza decente é qualidade essencial para se poder ser admittido em gabinettes do bom tom! os seus... Porem basta: convenhamos que era tempo que um *homem do mundo* ensinasse o mundo a todos esses escriptores que delle falam a ésmo. Segundo o dizer desses *leões* dos bastidores e salões, os homens de officio litterario nunca poderam estudar nem pintar esse Eden, esse Eldorado maravilhoso, o grande mundo! Onde o teriam elles visto, pobres desgraçados, vadios involtos na fumaça das tavernas, encostados ao angulo já rombo de uma mêza de pedra toda a pingar cervêja; *scismadores* de cotovêllos rotos, e meias esburacadas; pedantes de olhos empanados com a poeira dos alfarrabios; larapios extravagantes e tagarellas de todas as officinas de artistas; miseraveis vagabundos que não poderiam entrar n'uma sala sem escorregar na alcatifa; que logo ao primeiro passo que dessem pizariam a cadellinha de regago, e ao primeiro movimento executariam uma symphonia com o apparelho de porcelana do Japão? — Um homem elegante appareceu, o qual se dignou devassar-nos os mysterios d'esse mundo, cuja existencia tinha sido até agora per nós ignorada; desse mundo que se não veste como nós nos vestimos, que nunca encontramos nem nos passeios, nem nos theatros, e que de mais a mais [como admiravelmente o próva a peça] não se serve nem da mesma lingua, nem do mesmo espirito que nós. Por isso as equipagens affluiram na primeira noite ás portas do theatro, e os camarotes se povoaram dessas mulheres que davam surrizes de piedade aos versos de *Marion Delorme*, e desses *leões* a quem toda e qualquer obra superior faz psalmodiar em longos bocéjos.

E quereis agora saber qual é essa *Eschola do Mundo* aonde nos arrastam com tanto aparato, e á custa de tantas injurias contra todo aquelle que é obreiro de peças rimadas ou não rimadas? Esse tal mundo é um mundo odioso, inverisimil, impossivel, onde uma donzella virtuosa é rocejada só de gente cor-

rompida e grosseira, com quem o mais refinado brejeirago de melodrama não quereria ligar-se. Accaso tem ella um primo, e esse primo é um peralvilho, um assucarado, um imaginario, um furioso, um québra-esquinas, um seductor, finalmente um leão; chama-se M. de Dampré. Não conseguindo fazer-se amar de sua prima passa uns poucos de actos a entreter-se em compromettel-a. A donzella tem uma amiga, que é a duqueza de Saran; essa duqueza lhe propõe um pacto de devassidões e intrigas, com a condição de se defenderem mutuamente contra as maledicencias do mundo; um cavalheiro de *Miremont* entra depois da duqueza para fazer uma brutal declaração d'amor á virtuosa Amélia: finalmente a pobre mulher não pode dar um passo sem que seja assaltada de todas as partes pelas maiores grosserias; a falar a verdade, eis-aqui um mundo de que não formavam ideia até hoje os escriptores de officio.

Em paga de tudo isto é a peça escripta em um vasconso de que a phrase seguinte pôde dar uma feliz amostra: — *Madame, vous avez dû souvent me trouver étincelant en votre présence!* — O caso é que uma peça não se escreve de carreira, como julgam esses meninos bonitos. Não é a arte uma pedra da estrada que a qualquer é licito apanhar do chão: é uma veia de ouro que á força de trabalhos se extrahê da mina. Mais de uma frente se tem enrugado com o engastar um termo em uma phrase. Se o esculptor vê que as rugosas mãos se lhe endurecem sob o cinzel, se o pintor sente cangar as suas sobre a tēla, podeis estar certos de que no escriptor tambem ha mão-de-obra e lavores de artista. Para fazer uma boa peça, não basta, meus senhores, arregaçar os punhos de renda, mascar mais lentamente o sigarro, e rabiscar algumas folhas de papel durante um entre-acto.

O exito não foi duvidoso. A *Eschola do Mundo* obteve uma *quêda d'estima*. Os panygiristas da peça accusaram d'essa desgraça a estupidez da platêa. Pobre platêa! grosseira platêa! faltou-te um fino talento para poderes comprehender esse espirito perfumado, ethereo, delicado, tu que tão bem comprehendeste o bom senso de Molière. A *Eschola do Mundo*, representada por detraz de uma cortina, no fundo de uma sala, teria por ventura o direito de agradar; certas phrases que são demasiadamente incomprehensíveis por não terem um valor local e allegorico teriam por certo feito rir ás gargalhadas algumas tias velhas. Esta peça é como certas mulheres que não são bellas senão com certas condições, por exemplo, com um vestido de tal côr, uma rósa na cabeça, um diamante na tēsta, um signal prêto no arrebique da face, as sobrancelhas pin-

tadas; — e tudo isto disposto em um agradável claro-escuro de gabinete. Mas se o vestido é verde, se a rósa cahê da marraffa, se o arrebique se transtorna, se as cortinas do gabinete são de damasco amarello em vez de serem escarlattes, adeus senhora belleza.

E' tambem grande loucura, inaudita presumpção querer-nos persuadir que existe um mundo á parte na sociedade parisiense, mundo que é vedado a profanos, aonde não poderiam ter entrada nem Lamartines, nem Hugos, nem Balzacs, nem outros muitos do mesmo theor. — Pois que! o escriptor que tem andado per toda a parte, que tem provado alguma cousa de todos os modos de vida, que já dormiu n'uma agoa-furtada, e passou varias noites a não ser intrigado por pessoa alguma nos bailes da *Opera*, que foi a *Mont-faucon* apprender como das entranhas de um cavallo se fazem mil cousas, como por exemplo, as cordas das violas que tão melodiosamente vibram nas salas de companhia; — o escriptor que, ora foi bom guarda-nacional, ora guarda-nacional refractario, alguma vez gromete, e não poucas escrevente de advogado; esse homem que tudo conhece, não conheceria o mundo! só ahi é que não seria recebido! Que digo, accaso não seria elle admittido a escutar ás portas, a espreitar pela fechadura ou pelas fijas! Mas, ainda o repito, qual é pois esse mundo! onde está elle! em que se occupa! porque razão tem tanto receio de ser conhecido! — Ora é necessario confessar que tal mundo não ha, ou, para melhor dizer, já não existe.

Em outro tempo havia um grande mundo que se chamava a côrte. Para fazer parte d'elle era preciso ter nascimento ou espirito. Esse mundo era conhecido, classificado, definido; e nas espirituosas cartas de Madame de Sevigné se lê a verdadeira historia d'esse mundo que agora não temos.

E. Gonçales.

BIOGRAPHIA

Mademoiselle Tagliani.

Não é tam facil, como parece, o escrever a biographia de uma pessoa como Mademoiselle Tagliani. Quem ha ahi que possa falar convenientemente das acções e vida positiva de um sêr que é todo aéreo e mysterioso? E alem diso por que modo evitar esses elogios exagerados de que a imprensa nos tem saturado desde a apparigão da *Sylphida*? — Não será a *Syl-*

phida um desses termos usados, uma dessas banalidades laudativas, que já detanto repetidas vos fazem dôr de cabeça!... Nós pois, embora correndo o risco de não agradar a todos, guardaremos um meio termo entre a aridez biographica, e o panegyrismo fanatico.

Maria Taglioni nasceu em Stokholm em o anno de 1807 de uma familia eminentemente artistica: Karstein seu avô materno era o Talma da Suecia, e á qualidade de actor tragico reunia a de cantor mui distincto; Gustavo III que o estimava muito lhe deu o cargo de Secretario aulico. — A filha deste artista quasi fidalgo despozando o choregrapho siciliano Taglioni, o fructo desta união foi Maria a quem Therpsycore embalou nos joelhos immortaes.

O Signor Taglioni sendo chamado a Vienna em 1822 na qualidade de choregrapho e dançarino compoz então para *debut* de Maria uma dança intitulada — Recepção de uma nympha no templo de Terpsycore — e o successo da joven e linda nympha foi completo e fez echo em toda a Allemanha. Stuttgard a quiz possuir; a capital de Baviera enviou um embaixador á bella dançarina do norte, já tam célebre, e os bons habitantes de Munich a recebêram com o maior enthusiasmo. Foi desta ultima cidade que ella partiu para França, onde debutou no theatro da Real Academia de Musica de Paris a 23 de Julho de 1827. O theatro de Munich, que cedera por um mez Mademoiselle Taglioni, a reclamou; e ella foi terminar a sua escriptura, despedindo-se em a dança — *O carnaval de Veneza*; porem no anno de 1828 a Opera a possuiu de novo, apparecendo Maria Taglioni na dança — *As Bayadeiras da India*. —

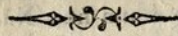
Em balde se invocam lembranças de Mademoiselle Gosselin, e da inimitavel Madame Gardel; em vão os invocam; Taglioni tudo escuréce, sobrepuja tudo. A imprensa accode a adjudar este talento cheio de delicias e graças: appregô-o, exalta-o; e os louvores, madrigaes, e corôas chovem de todas as partes: nunca se vira enthusiasmo similhante.

Taglioni creou os papeis de *Belle au bois dormant*, de *Flora*, *Sylphida*, *Nathalia*, *Brezila* & e todas estas creações fizeram crescer ainda a admiração, os applausos, e o fanatismo. E entretanto a que pertence mais ao ar do que á terra, a que vos embevece de poesia, a que é como uma sombra ossianica, flor meneada do zephiro; vapor, idealidade, indefinivel incanto... sofre as tristes e cruéis realidades da vida!... — Mademoiselle Taglioni viu toda a sua fortuna arruinada! Mas em breve os parisienses procuraram ainda que não totalmente, reparar ao menos suavizar quanto possivel tamanho desastre, e uma representação foi destinada para seu beneficio, a que tudo con-

correu; e pagaram-lhe por este theor a divida que para com ella tinham contrahido, quando em 1829 Taglioni desempenhou o papel de Psychis, na dança deste nome, a beneficio do antigo choregrapho Gardel.

Tal é a vida dessa mimica excellente, dessa dançarina excepcional, que ha classificado, como cumpria, as linhas *telegraphicas*, e geometricas das posições e attitudes forçadas ou affectadas da antiga eschola; e que reuniu em uma só as danças de theatro e de salão. — Como já se tem repetido, — a dança não é um officio, nem mesmo é uma arte, é um dom da natureza. Taglioni não tem, como certas dançarinas scientificas, piruetas, ou pontinhas de pés que parecem poisar sobre um pavimento de fogo, ou contorsões de rins e de braços a que outr'ora se chamava graça; — Mademoiselle Taglioni encanta; e nada mais se pode dizer.

E entretanto quem ha ahí sobre a terra que não tenha sido algum momento alvo de criticas? E' mister confessar que o genero de dança é talento de Mademoiselle Taglioni, o seu exemplo, e influencia destruíram aquelle todo choregraphico que se notava na Opera de Paris. Já se não podem ver passos compostos de grupos, de massas, já não ha contrastes; e cada um, ou antes cada uma, quer affectar um *molle abandono*. Os defensores de Taglioni respondem que não é justo tornal-a responsavel das imitações, que se fazem do seu estylo de dançar; pois que Beranger, Rossini, e V Hugo levam tambem apoz si o *servum pecus* de Horacio. Encantem-nos pois esses mesmos defeitos de Mademoiselle Taglioni, porque defeitos de uma natureza tam escolhida tam particular como a sua de certo podem tornar-se em grandes qualidades n'aquellas artes que tanto vivem de creação.



QUALIDADES E DEVERES DO COMEDIANTE.

Evidente que a gesticulação se empregou em todo o tempo tanto mais quanto a linguagem das palavras era imperfeita; parece natural que ella se tivesse aperfeiçoado antes da palavra; mas para substituir este dom que o Creator reservara ao homem, cumpria que o gesto houvesse adquirido uma grande verdade de expressão, pois que á reprodução d'essa verdade é que devem tender todos os esforços do actor, muito mais se o seu genero é a dança mimica: veremos adiante que a esta pri-

meira condição devem também juntar-se as da graça e belleza.

» As regras da gesticulação, diz Quintiliano, tiveram a sua origem nos tempos heroicos; mereceram a approvação dos maiores homens da Grecia, não exceptuando o proprio Socrates. Platão as considerou a par das grandes qualidades e uteis virtudes, e Chrysippo não as esqueceu no seu livro da educação dos meninos.

A graça, a candidez, e até a nobreza, são qualidades de todos os tempos; se os dotes corporeos podem corromper-se ou alienar-se; se chega por fim o tempo em que o gesto pode ser alterado sem verdade, é só quando os costumes se abastardam, e as nações perdem a sua natural simplicidade; finalmente quando certos gestos de convenção substituem os que são dictados pela natureza, e filhos de uma feliz conformação.

Os monumentos e pinturas etruscas, que ainda hoje se conservam, provam até que ponto a arte do gesto era apreciada desde a mais remota antiguidade, porque essas pinturas, com quanto não offereçam a vistas pouco experimentadas mais do que informes cortornos, e nenhuma expressão de rosto, indicam todavia com a maior exactidão, e só por meio do gesto, a intenção toda inteira que o auctor quiz dar ás suas personagens.

Sabemos que Aristoteles havia terminado a sua arte poetica com diferentes livros em verso que tratavam da mimica; esses livros perderam-se, mas não assim o conhecimento que temos de que já antes d'elle tratara Glaucão o mesmo assumpto. Como todas essas obras nos são desconhecidas, é sómente per uma inducção tirada dos monumentos gregos que podemos descobrir alguns dos segredos que fizeram nascer tantas obras primas.

O gesto não é senão um meio de indicar a expressão: não é um fim. Não basta pois agradar aos olhos por meio de uma posição graciosa ou nobre; cumpre essencialmente que se fale ao pensamento. Assim vemos que os esculptores gregos tendo notado que o movimento geral de uma estatua produz maior effeito do que a expressão particular do rosto, muito mais se deram a retrazar attitudes expressivas do que a concertar physionomias para o rosto das suas estatuas. E' também essa a razão por que preferiram representar nús os seus heróes, parecendo-lhes que a amplidão das vestes encubria uma parte dos signaes caracteristicos que devem concorrer para a unidade da expressão.

E' pelo movimento geral do actor que nós julgamos do sentimento que o domina, muito mais do que pelas feições do rosto que a distancia nos pode occultar. A necessidade de ge-

sticular com justeza é pois manifesta; e deverá ser este o primeiro estudo a que o actor deverá entregar-se. Nisto, bem como em tudo o mais, a natureza põe á sua disposição todas as especies de modelos.

Os gestos que este ou aquelle individuo pôde offerecer em uma dada circumstancia não devem sempre ser considerados pelo *mimo* como um typo appresentado pela natureza considerada geral e collectivamente. Podem ser somente o resultado de um habito, ou o signal individual de um temperamento, de usos e costumes particulares. O que se tracta de reconhecer e communicar é o caracter geral das paixões exteriores de todos os homens, com tanto que se não queira representar, em certo modo, o retrato de uma personagem historica conhecida. A má educação, o pouco uso do mundo, qualquer defeito de conformação physica, produzem no individuo um gesto pessoal, um *bordão* (como dizem) que lhe é proprio, e que se deve evitar com o maior cuidado, porque o artista deve, antes de tudo, conformar-se aos preceitos geraes do bello. A influencia nacional, com quanto deva ser estudada, produz gestos que podem similhantemente ser contrarios ao caracter essencial da arte, que é a decencia e a belleza. Demais, não haveria por ventura o risco de não poder o actor ser comprehendido, reproduzindo na presença do espectador os gestos de uma personagem que inteiramente lhe fosse desconhecida? O actor que houver de representar, por exemplo, um italiano, accaso cumprirá com a verdade, gesticulando descommeditamente, como usa aquelle povo, com o risco de passar por um extravagante?

Ha também alguns gestos *d'instituição* os quaes o actor deve conhecer; taes são as diversas maneiras de saudar que usam os diferentes povos, seus gestos de protecção, de benção, de desprezo, odio, &c.^a O actor adoptando-os pode assim transportar o espectador a tempos remotos, e captival-o por uma apparencia antiga ou estrangeira.

UMA SCENA DO CASAMENTO

De Figaro.

Alguns annos tinham decorrido desde a morte de Luis XV., e retirada a Co. dessa Dubarry no seu castello de Luciennes vivia

intimidade de muitas pessoas distinctas por sua amabilidade, que de tempos a tempos a visitavam, e entre as quaes encontraríeis as maiores celebridades da epocha. — Uma noite, e era no fim do outono, uma noite estava ella sosinha no seu Gabinete, e, recostada mollemente n'um sofa, considerava desahida a monotona rotação dos ponteiros de uma pendula; a chuva, que se quebrava sobre os tectos, accrescentava sua melancolia, e as lembranças do passado lhe eram presentes nessa hora!...

Genoveva sua aia a tira dessa especie de torpor...

— Acaso chamei eu? — lhe disse a Condessa contrariada...

— Tinha que dizer á Senhora Condessa, e sabendo que estava só julguei opportuno ensejo... — E Genoveva se retirava já, quando Madame Dubarry lhe fez comprehender com um gesto que estava disposta a escutal-a; e então ella se exprimiu dest'arte:

— A pobre Rogér acaba de morrer, e por herança a coitada deixou quatorze filhos de tenros annos: pessoas charitativas da Freguezia se encarregaram de treze; resta o mais velho, e escreve tambem!... — A condessa abanou a cabeça, mas Genoveva nem porisso deixou de continuar.

— O pobre menino tem dezaseis annos, é meigo, ingenuo, e sem apoio corre risco de cahir na libertinagem... se Madame...

— A minha influencia, replicou a Condessa, a minha influencia já acabou á muito; seria embalalo com esperanças bem loucas... — Mas a bondade de seu coração é quem predomina, e Genoveva é auctorizada a rebelo por algumas semanas. — Julio Roger foi installado em Luciennes.

A sua conversação, bellissimos olhos negros, e perfeição de seu composto advogavam por elle. Passados alguns dias Roger foi decorado com o titulo de Secretario.

Comprazia-se Madame Dubarry em falar-lhe dos irmãos e irmans; e a vista da Condessa nunea deixava de lhe aballar fortemente o peito; enfim já não era para o pobre rapaz separar-se della; amava-a loucamente!...

Ia a Condessa passear ao jardim, a pequena distancia era seguida; encerrava-se ou se isolava ella, não longe encontrarias Roger; e quando diante d'elle conversava a Condessa com Mr. de Cossé, o mesquinho joven se perturbava até á syncope.

Madame Dubarry havia até então tractado de eriancice as demonstrações de Julio, as quaes considerava como provas de simples affeição; mas um acontecimento a veio desenganar, e ella se enfadou, ou fingiu enfadar-se, porque uma mulher como Dubarry sempre fol-

ga com um amante de mais encadeado ao seu carro.

Tinha chovido grande parte da manham, e Madame Dubarry para se distrahir foi dar um passeio pelo *parque*. De volta para casa, como temesse a humidade, mudou de meias, mandou chamar Julio para os preparativos de uma funcção que queria dar a Mr. de Cossé, e entrou no Gabinete onde a esperava o barão de Sugère.

No outro dia Genoveva fora de si entra no quarto da Condessa, e clama que ha um ladrão em caza; poisque lhe falta uma meia de sêda: as suas suspeitas sobre um, sobre outro alternativamente poisam; e até a fidelidade de Zamór é suspeitada; mandam-no chamar, e Julio que neste momento estava junto da Condessa mostrava um ar cadavez mais embarassado. — Quando o inculpado chegou, Roger como pará desviar a attenção, o excitou a brincar segundo costumava: — uma lucta teve logar entre os dois, e então viu a Condessa em uma manga, que por casualidade se levantou a Julio, a perdida meia de sêda enrolada sentimentalmente á guiza de pulseira em torno ao braço do amoroso mancebo.

Com um gesto Madame Dubarry despede Genoveva e Zamór aquem tinha escapado tudo isto; e ficando só com Julio, ella lhe dirige estas palavras com ar severo e enfadado:

— Então!... Não temeste deixar recabar suspeitas sobre innocentes, não arreceaste exporme a despedir fiéis servidores?...

— Oh! Senhora, responde Julio com um ar muito conrito, oh! não me opprimaes com essas palavras, com taes reprehensões! — estava doente... tinha neste braço uma inflamação... continua balbuciando; e disseram-me que era remedio eminente qualquer corpo de sêda que tocou a pelle de uma pessoa que se ama...

Madame Dubarry não poude a esta declaração conter o riso; — Julio continuou:

— Esta me deu a vida, e me consolará de não poder gosar de um bem que jamais possuirei, e cuja privação talvez seja ainda a causa de minha morte.

O rir da Condessa redobrou á confissão deste amor tam platonico... eisque Genoveva annuncia Mr. do Beaumarchais. — Parecia elle triste e pensativo, offerecendo mui grande contraste com a physionomia risonha e animada da Condessa; e é por isto que se ouviram estas palavras:

— Como hoje vos apresentaes triste!

— Com que louca alegria estaes hoje!

O Poeta estava preocupado com o *Casamento de Figaro*. — Madame Dubarry lhe contou a aventura.

Beaumarchais que ao principio muito pou-

ca attenção prestava á Condessa, é agora todo ouvidos, e li'a presta a mais viva... Pouco a pouco a sua fronte se desenruga seu rosto se asserena, e ao deixar Luciennes brilhante a maior alegria.

Julio, possuidor da preciosa meia, partiu no outro dia para a Hollanda a levar uma carta de Madame Dubarry ao Conde João; e Beaumarchais escrevendo o segundo acto do Casamento de Figaro, creava a encantadora situação, em que a fitta, tirada no primeiro acto por Cherubim á Condessa d'Almaviva, é encontrada no seu braço pela muito bella madrinha.

CHRONICA THEATRAL.

Theatro Normal. — Tem continuado a ir á scena sem interrupção alguma *O homem da máscara negra*, acompanhado com algumas das já muito vistas farças *Os Doudos*, *Manoel Mendes*, &c. d'estas ultimas já assaz temos falado nos passados Numeros.

No desempenho do *Mascara negra* se têm continuado a cometter os mesmos erros de pronuncia que haviamos censurado em nosso N.º 15. O Sr. Epifanio diz sempre *LARVAS* em vez de *lavas*; a Sr.ª Emilia pronuncia sempre *desiseração*, *terturas*, *gopsis*, &c. sem tratar de emendar-se. Persuadam-se os nossos actores, que nunca poderão chegar á celebridade a que aspiram em quanto se lhe notarem tão indesculpaveis faltas, e que lhes será absolutamente impossivel merecerem o titulo de actores mais que mediocres em quanto se obstinarem nos seus defeitos, mostrando indocilidade, ou presunçosa indifferença aos salutaes conselhos, que pela imprensa, lhes forem dados.

Vem a proposito observar ao Sr. *Vanez* que no seu monologo do 3.º acto pronuncia successivamente, *fosteis*, *viesteis*, *educasteis*, em vez de — *fostes*, *viestes*, *educastes*: este erro mais alguma desculpa merece, porque é mui frequente.

T. de S. Carlos — 4.ª feira foi o *OTELLO* com a Sr.ª Ferloti, e Srs. Conti, Regoli &c. — E' bem conhecida esta opera de Rossini pelos nossos *dilettanti*, pois que já mais de uma vez tem ido á scena em o theatro de S. Carlos; contudo é muito natural que fosse recebida com agrado e prazer, porque sem duvida é esta opera uma das excellentes do *gran maestro*, aonde elle quiz e buscou alardear musica dramatica, e aonde fez vibrar com grande talento todas as cordas do amor e dos ciumes. Em quanto ao seu desempenho não temos senão a applaudir, e, segundo nos parece, applaudir com muita justiça; porque a opera foi bem no seu todo, e em algumas partes excellentemente. O Sr. Conti (*Otello*) tornou-se distincto em o seu papel; não podemos deixar de juntar nosso pequeno brado ao do publico que o applaudiu, e lhe pedimos que continue a estudar com constancia e amor a bellissima arte que professa; por isso mesmo que lhe reconhecemos bastantes progressos desde que debutou neste Theatro. — O Sr. Ferretti tambem foi bem no seu pequeno papel e em o duetto com o Sr. Conti foram muitas as palmas e bravos, que os victorearam; tendo na primeira noite o allegro do mencionado duetto merecido a honra do *bis*. — A Sr.ª Santina aida mais uma vez deu provas do seu talento musico; e apesar de lhe ter a voz bastante escaceado nestes ultimos tempos, mostrou que ainda possuia não vulgares meios em a sua arte; e que sabia combinar as difficuldades e fiorituras com o mavioso e delicado, que especialmente no papel de *Desdemona*, tanto se requérem. O *S' il padre m'abandóna*... do final do segundo acto; e o romance do terceiro foram na quarta feira cantados excellentemente, e como tal applaudidos. — Em a mesma noite vimos a dança os *Mineiros de Salerno*, acção mimica do choreographo *Astosphi*, que tem sido muito bem recebida; o seu enredo é o seguinte: — Raimundo, principe de Salerno, militando nas Cruzadas ficou

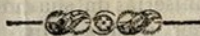
ferido e prisioneiro; mas os seus o julgaram morto; e um parente — Gastão era o seu nome — usurpou o principado. Para coherer a usurpação, ou mais segurar-se no throno, pois que restava um filho de Boemundo, Gastão tenta com preces e ameaças cazar-lhe com a viuva, o que não conseguiria se Elvira por este terrível meio não julgasse salvar o filho, por cuja existencia muito receava: mas no entretanto chega Boemundo depois de infinitos trabalhos e até de um naufragio de que elle unico pode salvar-se. Imagine-se qual seria a sua desesperação e raiva quando, sem o conhecer, lhe contam o acontecido: Boemundo se apresenta, disfarçado, no meio da cerimonia nupcial, clama que o verdadeiro principe de Salerno vive, semeia a confusão e o temor nos assistentes, e em Gastão, que cheio de raiva o insulta, lhe chama impostor e o condemna a trabalhar nas minas. — O encarregado da execução é um antigo e fiel servidor de Boemundo: estese lhe dá a conhecer, conségue d'elle uma entrevista com a espoza, e depois de terem concertado os meios de a libertar, e o reino, de tam infame usurpador, Boemundo á frente dos mineiros ainda á bem pouco socios de infortunio consegue debellar o tirano, que é appunhalado, e precipitado de uma alta torre donde poucos momentos antes queria precipitar o innocente filho do verdadeiro principe de Salérno.

Tal é o enredo da dança mimica que á pouco subiu á scena no Theatro de S. Carlos. As decorações são magnificas, os vestuarios de bastante riqueza além de muito variados; as scenas novas correspondem á bem merecida reputação dos Senhores *Rambois* e *Cinnati*: em nosso intender sobreleva ás outras a scena da camera particular da princeza de Salerno; a pintura do guerreiro despedindo-se da espoza foi calculada felizmente para produzir, como produz, um bello effeito. A scena das minas é muito boa, e, se não causou grande sensação nos ex-

pectadores, foi provavelmente por que ainda se lembravam muito da scena das *Covas nos Portuguezes em Tanger*, e a analogia que se dá entre uma e outra, extenuou o prazer da novidade.

Está a nova dança bem *posta em scena*; o assumpto é de bastante interesse, e fertil em lances, que, com quanto já muito usados — como são os *reconhecimentos* — não deixam de produzir muito e fiavel: é avez demasiadamente repetido este meio, porém, pelo bem que é executado em todas as tres vezes, se pode relevar esse defeito. Muitos não relevam tão facilmente a escacez de bailados, e por ventura lhes não fallece rasão, pois que são mui diminutos, quasi que só consistindo em attitudes, e grupos de pouca ou nenhuma novidade. Somma total — a dança agradou, e devia agradar, porque o que se lhe nota de bom é muito, e o que lhe criticam pouco diminua aquelle valor.

No desempenho distinguuiu-se especialmente o Senhor *Molinari* (Boemundo) o qual, posto que algumas vezes se exagere um pouco, ostenta grande força e verdade mimica reunidas a muita insinuação physionomica: seria injustiça não lhe dar louvores



THEATROS ESTRANGEIROS.

Pariz — A Opera tem feito despezas immensas para a dança intitulada — *O diabo amoroso* — avaliam-se em mais de cem mil francos; tanta é a sumptuosidade e riqueza dos trajos e decorações!... — O successo do *Drapier* tem empedido a representação dos *Martyres* de Donizetti, opera que deve assomar no horisonte tam brilhante da Academia Real de Musica.

A Opera Comica Continuava a fazer numerosas receitas com o *Dominó noir*; mas o que tem feito um verda-

deiro fanatismo é a Opera de Donizetti cujo titulo é — *La fille du Regiment*. — Donizetti, dizem os Jornaes francezes, parece um joven de vinte annos; tal é o frescor das suas ideas, a beleza e novidade dos motivos. Muito se esperava do *maestro*; mas a spectação foi ainda excedida. No mesmo theatro se estam ensaiando tambem duas grandes operas de espectáculo: — *Zingaro* — para *debute* de Mr. Perrot, célebre dancarino: e o *Anjo de Nisida* cuja musica é do inexgotavel Donizetti.

O LAGO DAS FADAS.

Uma ballada aleman deu a M. M. *Scribe* e *Melssville* a primeira idéa d'esta nova opera. É no frescor de um lago cristalino que as filhas dos ares vêem distrahir-se da sua immorttal e celeste insipidez. A mais linda dessas virgens do céu, possui, como as outras suas irmans, um véu de tecido preciosissimo, maravilhoso talisman, sem o qual as aéreas donzellas não seriam mais do que simples mortaes. Zeila [que assim se chama a mui formosa] antes de entrar no lago, depõe na margem o rico véu, ignorando, coitadinha, que proximo se achava occulto um estudante que a espreitava, e lhe rouba o seu thesouro. Que desesperação, que lagrimas, quando ao sahir do voluptuoso banho a pobre Zeila não acha o encantado véu! De poderosa fada que era, eil-a agora transformada em mesquinha mortal; de habitadora dos ares e dos céos, eil-a forçada a rojar-se pela superficie d'este impuro mundo, a sujeitar-se ás miserias da sua nova condição, a buscar satisfazer á vida: finalmente a delicada e branca divindade vê-se constringida a fazer-se creada de estallagem á espera de melhor fortuna. Quêda fatal! e tudo por causa de um véu! Felizmente Zeila encontra o joven Alberto, esse mesmo estudante que lhe havia roubado a veste da immortalidade, Alberto que se perde d'amores pela donzella, a qual não tarda em corresponder-lhe algum tanto: mas uma serie de circumstancias vêem estorvar os dous amantes. Alberto no momento em que dirigia rijo golpe contra um tal conde Rodolpho seu rival, feriu, não sei como, a linda Zeila, e julgando havel-a assassinado perdeu o juizo: porem a vista da amante ainda viva lhe restitue a razão no instante em que o Conde se preparava a arrebatá-lhe o objecto do seu amor; então Alberto, não tendo outro meio de oppôr-se aos designios do rival lembra-se de entregar a Zeila o véu que lhe roubara; e ali vêdes vós a branca fada ir-se elevando nos ares

até desaparecer no mais longinquo azul do espaço. — Largou Zeila o seu mortal despojo, mas não poude assim sacudir do coração o amor que lh'ó consumia! Vae-se ter com a rainha das fadas e supplica-lhe que a deixe renunciar á tediosa immortalidade; a rainha defere sem custo á sua supplica. Então desce a bella em direitura ao alvergue onde o seu Alberto estava prestes a suicidar-se por amor e despeito; e as graças e os carinhos de Zeila o tornam o mais feliz... dos estudantes. E assim o creio eu; que ter per esposa uma fada não é cousa que se veja todos os dias! — Tal é o *Lago das Fadas*, e longe de nós é dizer que seja obra-prima d'estylo e invenção; o que agrada nesta peça mimo-lirica é essa mistura de phantastico e real que transporta o espirito do nosso mundo positivo para um mundo de mysterios, e encantados pensamentos. Assaz dissémos do libretto: vamos á *partitura de M. Aubert*.

Não pôde o *Lago das Fadas* entrar em competencia com a *Muelle*, bellissima composição do mesmo auctor; mas não se pôde negar que elle soube elevar-se a um alto gráu na estima dos admiradores da musica franceza. Nem sempre encontrou grandes inspirações, mas deu a certas partes da sua obra uma côr local digna de louvores. Assim por exemplo em todo o 5.º acto sua harmonia e acompanhamentos aspiram um vago e delicioso perfume de embevecimento e mysticismo, que enleva. Quanto ao resto da *partitura* faz-se notar quasi toda pelo gosto com que é escripta.

THEATRO DE S. CARLOS.

Março 29 — Domingo — Opera — Otello — Dança — Os Mineiros de Salerno. — Repete-se a scena — O Parricida.

Segunda feira 30 — Beneficio do escripturario — Opera — Parisina — Dança — Os Mineiros. — Depois do 1.º acto da Opera — Duetto da Caritea. Depois da dança — Duetto de Otello.

Terça feira 31 — Com authorisação da Inspeção Geral dos theatros não haverá espectáculo.

Abril 2 — Quinta feira — Opera — Fausta. — Dança — Os Mineiros.

Sabbado 4 — Grande Galla Anniversario Natalicio de S. M. a SENHORA D. MARIA II. — Opera nova — Elena de Feltre — Dança — Os Mineiros.

Typ. de Luis Correia da Cunha.

Costa do Castello N.º 15.